

SETEMBRO/2019

VOZ DA COMUNIDADE

CASAS E BENS COLETIVOS COMEÇAM A SAIR DO PAPEL NA LAVOURA

PÁG. 4



PÁG. 2

COMUNIDADES FALAM SOBRE O RELACIONAMENTO COM A RENOVA

PÁG. 11

PARCERIA COM SEBRAE-MG APOIA EMPREENDEDORES A PLANEJAREM O FUTURO

FRAGMENTOS DE UMA VIDA

A passagem da lama após o rompimento da barragem mudou a vida de muita gente. Naquele 5 de novembro, houve perdas humanas, ambientais e materiais. Algumas pessoas viram tudo em primeira mão. Outras voltaram para casa para encontrar um campo enlameado onde eram seus lares. Memórias que todos prefeririam que não existissem.

Desde então, há diversas iniciativas de restauração, reconstrução e reparação. Apesar de o tempo não permitir que se volte ao momento anterior ao rompimento, a vontade de retomar a vida que se foi é grande. Algumas pessoas, como Elizete Mol e Osvaldo Apolinário, conseguiram recuperar objetos que haviam sido dados como perdidos na lama. Nunca será um retorno ao passado, mas serve de consolo para aqueles que têm a difícil missão de reconstruir suas vidas.



Osvaldo Apolinário de Almeida,
Bento Rodrigues

“No dia 19 de novembro de 2015, eu, minha esposa e minha sogra, fomos ver se eu achava na minha casa, em Bento Rodrigues, alguma coisinha. Chegamos lá e estava cheio de lama. Quebrei o vidro e entrei pelo basculante, pisando na lama, no cantinho, no caixote, na beirada da cama. A lama tinha tampado a cama de solteiro e suspenso o colchão. O violão ficou lá em cima. As coisas de Deus, Deus cuida.

Esse violão era o meu companheiro lá em Bento Rodrigues. Sou evangélico há 32 anos e comprei ele no dia em que Jesus me aceitou. Eu tocava em bar, casamento, quadrilha, tudo quanto é coisa. Eu tocava para o mundo, mas agora toco para Jesus.

O rompimento foi na quinta-feira. Na quarta-feira, eu tinha tocado o violão na doutrina da Igreja. Eu cheguei do culto, coloquei o violão na cama e tampei com um pano branco. Quando eu o encontrei, ele estava do mesmo jeito. Só que, embaixo, estava tudo cheio de lama. Ela também tampou a mesa, mas o caixote onde estava o relatório da Igreja que eu tinha fechado ficou sem nada. Tudo que eu arrumei estava limpinho, sem uma pinta de barro. O violão estava afinadíssimo ainda.

Eu achei mais coisas. Meus documentos, que estavam lá no fundo do maleiro. O dinheiro estava todo lá. Achei sem nada ter estragado. Fiquei feliz demais. As coisas que são de Deus, Deus cuida direitinho. Se fosse antes, esse violão tinha derretido na lama”.



Elizete Mol,
de Paracatu de Baixo

“Depois de um mês que a barragem tinha se rompido, eu consegui chegar, pela primeira vez, onde era minha casa, em Paracatu de Baixo. Nesse dia, eu fui com alguns sobrinhos, meus filhos, meu marido e minha irmã.

Eu procurava a cômoda que tinha no quarto da minha filha, porque nela estavam as minhas fotos. Meu sobrinho procurou, mas disse que não tinha nada. Do lado de fora, vi a pontinha de alguma coisa de sucupira, a madeira da minha cômoda.

Tinha fotos e outras lembranças, mas não tinha como recuperar. Só meu álbum de formatura, que estava dentro de um caixotinho, embrulhado com plástico. Intacto, do jeito que eu tinha deixado. Perdi muitas fotos. Tinha muita coisa salva no computador, mas ficou tudo lá. O álbum tem as únicas fotos que sobraram.

Achamos outros objetos. Meu marido conseguiu encontrar uma xícara personalizada que minha filha tinha dado a ele no Dia dos Pais. A gente voltou algumas outras vezes. Dá a impressão que, se cavar, vai estar ali. Mas, às vezes, o que a gente encontrava não era coisa nossa. Ou estava estragado. Achamos o guarda-roupa, com tudo se desfazendo.

Meu filho encontrou uma coisa que me deixou muito feliz. Um brinco de ouro que eu tinha ganhado da minha madrinha de batismo. Intacto também, dentro de uma caixinha. Ele ficava no meu guarda-roupa. No meio dessa lama toda, uma peça tão pequenininha. Fiquei sem acreditar. É tão pequena que eu não ia nem procurar. É um brinco de ouro, que representa muito mais do que uma joia, pois possui um valor sentimental imensurável”.

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
JÚNIA CARVALHO - REG. 4247 - MG

REPORTAGEM
LEANDRO BORTOT, FLÁVIA DENISE E
MARCELO FARIA

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO:
COLETIVO É!

NUCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE:
ZÉU COSCARELLI, BETO GUIMA E
MARLON OSSILIERE

PARTICIPE DO GRUPO DE COMUNICAÇÃO
E ESCREVA COM A GENTE ESTE JORNAL

GRUPO DE COMUNICAÇÃO:
CLÁUDIA ALVES, FABRÍCIO (NEGÃO), IZOLINA IZAÍAS, JÚLIO
SALGADO, KEILA VARDELE, PABLO VARDELE, WLIANE TETE,
WEBERT TETE, VANESSA ISAÍAS, JOSÉ MARQUES, E ZEZINHO CAFÉ.

FOTOS:
THIAGO BARCELOS, FUNDAÇÃO RENOVA

TIRAGEM:
2.000 EXEMPLARES



AS OPINIÕES EXPRESSAS NESSE JORNAL, POR PARTE DE ENTREVISTADOS E ARTICULISTAS, **NÃO EXPRESSAM** NECESSARIAMENTE A VISÃO DA FUNDAÇÃO EM RELAÇÃO AOS TEMAS ABORDADOS, SENDO, PORTANTO, DE **RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES**.

COMEÇAM AS OBRAS DAS CASAS DE BENTO E DA INFRAESTRUTURA DE PARACATU

O último dia 29 de julho foi motivo de comemoração para muita gente. A construtora HTB assinou o contrato para as obras das casas e dos bens coletivos de Bento Rodrigues. Durante a assinatura, que ocorreu no terreno da Lavoura, estiveram presentes cerca de 220 pessoas da comunidade, além de representantes da Comissão de Atingidos, da Fundação Renova, da HTB, do Ministério Público Estadual, do Conselho Curador, da Prefeitura e da Câmara Municipal.

A casa onde Hedine, Elaine e seus dois filhos vão morar foi a escolhida para colocar o primeiro tijolo, que simboliza o início das obras civis do reassentamento. O evento foi exibido nas redes sociais e está disponível no Facebook e no Youtube da Fundação Renova.

As fundações das casas, da escola municipal e do posto de saúde começaram em julho e avançam, assim como as de infraestrutura, que executam os projetos das ruas, das redes de água, de esgoto e de drenagem, dentre outros.

Os arquitetos continuam atendendo às famílias para elaborar os desenhos de suas casas. Até o fim de julho, 127 projetos conceituais foram concluídos e 76 foram protocolados. Desse total, 17 alvarás de construção foram liberados pela Prefeitura Municipal, assim como o alvará da escola.



Fotos: -

Cerca de 220 pessoas compareceram ao evento do início de construção das casas de Bento

CONTRATO ASSINADO DE PARACATU DE BAIXO

Algumas horas depois do evento na Lavoura, a comunidade de Paracatu de Baixo participou da assinatura do contrato com a Andrade Gutierrez, que assumiu as obras de infraestrutura, das casas e dos bens coletivos. Marcaram presença cerca de 80 pessoas, entre representantes de 14 famílias, da Comissão de Atingidos, da Fundação Renova, da Andrade Gutierrez, da Prefeitura e da Câmara Municipal.

Com o início da retirada da vegetação e da terraplenagem em Lucila, estão sendo realizadas a abertura de ruas e a preparação dos lotes para que as famílias possam visitá-los. Trata-se de uma fase importante para que elas vejam melhor como as casas vão ficar posicionadas e esclarecer

dúvidas sobre seus projetos. Até setembro, 48 desenhos conceituais estavam em andamento. Desse total, 15 foram concluídos.

Além disso, a comunidade decidiu como serão as visitas ao canteiro de obras. A Comissão Fiscalizadora de Obras, criada pela Comissão de Atingidos, vai acompanhar a construção a cada 15 dias. A comunidade em geral pode visitar o canteiro sob demanda em grupos de até 15 pessoas. As visitas acontecem desde julho e seguem o avanço da obra.



Diretor operacional da Andrade Gutierrez, Luiz Carlos Savóia, e o presidente da Renova, Roberto Waack, formalizaram contrato para obras

CONSTRUÇÕES CAUSAM DESGASTES TEMPORÁRIOS EM VIAS DE ACESSO

As obras de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo são boa notícia para quem espera o dia de retornar para a vida em sua comunidade. Apesar disso, o processo de construir dois distritos inteiros, cerca de 400 hectares cada terreno, pode causar alguns transtornos temporários para quem está perto das construções.

Para alguns moradores das regiões onde os reassentamentos estão localizados, as obras são sinônimo de estrada fechada ou dificuldade de locomoção. Além disso, eles reclamam da falta de comunicação clara entre os responsáveis pela construção e as comunidades que existem ao redor.

INCERTEZA SOBRE QUEM PODE E NÃO PODE PASSAR POR FURQUIM

A Fundação Renova realiza um controle de tráfego na via municipal rural entre o reassentamento de Paracatu de Baixo e o distrito de Furquim para garantir a segurança das pessoas da comunidade que necessitam utilizar a via. Para os colaboradores, a recomendação é não transitar com veículos leves e pesados dentro do povoado, fundado em 1718. Isso evita trepidações das edificações históricas, o excesso de poeira nas casas e perturbações no dia a dia do distrito.

Apesar disso, os veículos leves do Diálogo Social, que faz o atendimento à comunidade, têm acesso sem restrições. E as empresas contratadas pela Renova disponibilizam transporte coletivo que utiliza o desvio situado no distrito de Monsenhor Horta para chegar ao canteiro de obras.

DESCULPEM O TRANSTORNO, ESTAMOS EM OBRAS

Em junho, as obras de Bento Rodrigues entraram em nova fase. Entre os projetos iniciados, está a pavimentação da estrada que dá acesso à Lavoura, que desde o dia 21 de junho fica fechada em determinados horários do dia e adota o sistema Pare e Siga em outros. As novidades são

positivas, mas para dar agilidade à pavimentação e evitar o período de chuvas, foi necessário desviar o trânsito para os arredores.

O desvio pela Vila Samarco, em Antônio Pereira, se tornou o principal acesso para carros de passeio e leves, o que fez aumentar o trânsito próximo às casas da comunidade. Para reduzir a emissão de poeira, a Renova fez um acordo com os moradores para molhar a estrada com caminhão pipa três vezes por dia. Além disso, é proibido o tráfego de veículos de grande porte, como caminhões, equipamentos pesados e ônibus. Eles devem se programar para usar a via que está sendo pavimentada nos horários livres, informados em placas na área, ou aguardar a liberação no Pare e Siga.



A estrada de acesso à Lavoura está fechada de segunda a sábado, nos horários de: 8h a 11h30; 13h30 a 16h30; 18h30 a 21h; e de 22h30 a 4h

O CANSAÇO DE TODO DIA

Para a história brasileira, o 5 de novembro de 2015 ficou marcado como o maior desastre ambiental do País, que deixou 19 mortos confirmados e um rastro de destruição ao longo de 650 quilômetros entre Minas Gerais e o Espírito Santo. Mas, para as milhares de pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, essa história ainda não acabou.

Na espera de reparações efetivas e da reconstrução dos povoados destruídos, quem foi atingido de alguma forma pela lama perdeu muito mais que suas posses materiais. Os últimos três anos e dez meses foram empenhados em negociações constantes, encontros e reuniões para decidir detalhes dos reassentamentos, visitas técnicas e muitas outras atividades promovidas pela Fundação Renova, que é a responsável pela reparação e compensação daquilo que foi perdido.

Os compromissos relacionados à tragédia ocupam boa parte da agenda das famílias, como é o caso de Manoel Marcos Muniz, da comunidade de Bento Rodrigues. “A onda de lama destruiu meu passado, presente e futuro. Perdi minhas memórias que estavam guardadas na casa. Perdi meus animais de criação e o lugar em que sonhava envelhecer”, lamenta Manoel. “E ainda tenho que lutar pelos meus direitos. Para a Renova sou um ‘meio atingido’. Mas existe isso?”, questiona.

Para boa parte da comunidade, a longa espera e o calendário cheio de obrigações decisivas são motivo de cansaço físico e emocional, ao ponto de que muitos preferem nem falar mais sobre o assunto e empenhar sua atenção em outros afazeres. E as votações constantes sobre detalhes das obras e opiniões divergentes aceleram o desgaste entre uma comunidade dividida por não conviver mais no mesmo lugar.

“Em Paracatu, muita gente da parte baixa, que foi totalmente destruída, não se dá bem com a parte alta, que foi menos atingida”, conta Luciano Lopes, que tem uma chácara na parte alta do distrito. “Era meu refúgio. Estava finalizando a obra e montando pomar, horta, tudo. Mas depois da lama, não pude mais voltar. A Defesa Civil embargou”.

Luciano participou de muitas reuniões com demais membros da comunidade e a Renova, mas ficou afastado por um tempo após uma cirurgia. Agora aparece apenas nas mais importantes. “Fica aquele climinha muito chato, já ouvi falar até de irmãos que se desentenderam nas reuniões”, lembra o atingido.

PROGRESSO LENTO

Apesar do esgotamento físico e emocional nos últimos anos, as famílias de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo reconhecem que



a Renova teve conquistas com o passar do tempo. Mas a lentidão dos processos é algo que incomoda bastante. “Tem encontro que, em vez de subir um degrau, parece que descemos outros”, reclama Reginaldo da Silva, de Paracatu de Baixo.

“No começo estávamos muito empolgados, junto da minha família, íamos em tudo. Mas no decorrer dos anos, ficamos cansados da enrolação e agora só participamos das mais importantes”, avalia.

“Não tivemos nenhum tipo de conflito, minha família é bem unida nesse aspecto, o que um decide, todos apoiam. Mas é algo que já ficou cansativo”, desabafa Reginaldo.

Por outro lado, Manoel Marcos ainda faz questão de participar o máximo possível. “Tem pessoas que já não aguentam mais o estresse, a duração e a frequência das reuniões e eu entendo muito bem o porquê. Mas eu ainda

vou. E faço questão de ficar até o fim”, afirma.

Para Luciano, de Paracatu de Baixo, a solução é acelerar o processo. “A Renova podia agilizar isso e entregar as casas do pessoal, para todo mundo ficar mais satisfeito. Eu acho que, às vezes, ela gasta muito tempo com umas coisas que não tem nada a ver, muita burocracia”, sugere ele.

RENOVA ESCLARECE

A participação das comunidades nas discussões e decisões é um princípio adotado por todos que atuam na reparação. A Renova reconhece que um dos seus maiores desafios é proporcionar soluções rápidas e que sejam, ao mesmo tempo, participativas. É importante ouvir e dar voz para que cada pessoa contribua com o processo, especialmente nos reassentamentos.

A governança da reparação também é um desafio para a agilidade dos processos. As decisões passam por vários níveis de aprovação antes de serem executadas, com a participação de muitos atores além das comunidades atingidas e seus representantes, como o Poder Público, o Ministério Público, as assessorias técnicas, as universidades, as ONGs e os movimentos sociais, entre outros.

Nem sempre os encontros com as comunidades transcorrem de acordo com o planejamento, mas com a prática e o aprendizado dos últimos anos, as reuniões estão mais rápidas e eficazes. A representatividade dos atingidos e a construção coletiva são aspectos centrais para a Renova, que também investe em meios para que a informação sobre o trabalho feito por ela chegue a quem se interessa.



DO RIO PARA A MESA: OURO FOI FONTE DE RENDA PARA MORADORES DE BENTO



Na época em que o Brasil era colônia, Minas Gerais foi o ator principal na corrida do ouro. O metal precioso era encontrado em diversas regiões e Bento Rodrigues se formou, no século 18, por conta dessa exploração de terras desconhecidas. Lá havia um córrego que, assim como o arraial, recebeu o nome do bandeirante que o encontrou há mais de 300 anos. E a poucos quilômetros dali, passava também o rio Gualaxo do Norte, onde em ambos o ouro era abundante e atraía diversas pessoas para o garimpo.

Anos se passaram e a exploração do ouro ainda persistiu na comunidade, dessa vez, pelos moradores. João Leôncio Martins era um dos que garimpava no rio Gualaxo. Foram 35 anos dedicados ao trabalho, que segundo ele, era feito de maneira artesanal.

“Cercávamos a água dos dois lados e puxávamos com a ferramenta. Depois assentávamos as mantas, para segurar o ouro. Aí, era só tirar o pano, jogar na bacia e batear para apurar o ouro, que muitas vezes era em pó”, conta, lembrando do início da atividade. “Quando comecei a garimpar, levei dois meses para juntar sete décimos. Fui vender e não deu quase nada”, ele se recorda com bom humor.

Além de João Leôncio, seus amigos, e também moradores da vila, José das Graças Caetano e José Marques da Silva, o Peruá, dizem ter garimpado no Gualaxo quando estavam desempregados. Segundo eles, a atividade era uma segunda opção de renda.

“Aposentado ou desempregado ficava por conta do garimpo. Conseguíamos tirar um dinheiro bom, o suficiente para cuidar da família”, afirma José das Graças. Muitas vezes eles iam com suas esposas e até filhos para o rio, conforme conta José Marques. “Trabalhei uns cinco anos no garimpo. Durante esse tempo, minha mulher e meu filho foram comigo várias vezes”, ele se lembra.

Os ex-garimpeiros afirmam que, apesar das dificuldades, realizaram a atividade até quando a comunidade foi atingida pelo rompimento da barragem de Fundão. “Como de costume, liguei a TV para ver se iria chover ou não no dia. Vi que não, mas pensei em dormir um pouco antes de ir. Dormi além da conta e como já era tarde, preferi não ir mais. Ainda bem que não fui, pois o trajeto da lama foi exatamente onde estava garimpando naquela época”, narra João. Para todos, fica apenas uma certeza: a saudade de tempos que não voltarão mais.

O garimpo artesanal de ouro foi uma das principais atividades econômicas dos séculos passados

A MATÉRIA-PRIMA QUE SE TORNOU A RAZÃO DE UMA VIDA

Dona Vera Lúcia da Paixão, de 64 anos, não consegue esconder o orgulho ao lembrar os anos dedicados ao trabalho que desenvolvia em Paracatu de Baixo.

Ela batia piteira, uma planta utilizada para confeccionar cordas que serviam de matéria-prima para tapetes e outros artesanatos, geralmente produzidos em Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana.

Ainda criança, Vera aprendeu a profissão com sua mãe, e utilizou desse serviço para criar dois de seus três filhos. “Fui mãe solteira e a única renda que eu tinha era o que eu ganhava com esse trabalho. Eu me orgulho em dizer que a piteira foi a razão da minha vida, pois foi assim que criei meus filhos”, disse a dona de casa, lembrando momentos que a emocionam até hoje.

“Um dos meus filhos tomava leite, esses que vinham na lata. Percebi que só tinha uma colher dele, e não dava. Para conseguir o dinheiro e comprar mais, saí de Paracatu com duas amigas e fui vender umas piteiras para a comadre Laudejur. Lembro que ela escreveu um bilhete e me mandou ir na venda do senhor Nego, que ele iria despachar para mim e que depois ela pegaria a piteira na minha casa.

Fui lá, peguei o leite e tudo que eu precisava para o meu filho naquele dia”, ela se recorda.

Segundo dona Vera, foram cerca de oito anos desenvolvendo essa atividade na comunidade junto de outras moradoras. Fizesse sol, chuva, calor ou frio, não havia tempo ruim para cortar as folhas da planta, que também eram oferecidas pelos vizinhos. Depois de serem lavadas no rio, onde ficavam de molho por 15 dias, elas eram batidas em pedra até as fibras da planta ficarem visíveis. Aí era só deixar secar no sol e trançar os fios em corda.

A dona de casa não nega a dificuldade daqueles tempos, mas sente muita saudade, pois se sentia uma mulher forte por garantir o seu próprio sustento e dos seus filhos. “Eu me cortava e me coçava toda. Quando o vendeiro não podia emprestar o burro, o Recreio, tinha que ir andando com as trouxas de piteira na cabeça até Cachoeira para vender. Não era fácil, mas não deixava de ir trabalhar, pois tinha que garantir o pão de cada dia. Mesmo com tudo isso, às vezes bate uma saudade grande, que tem dia que até sonho com essa época”, diz dona Vera, que, mesmo sem perceber, deixa o sorriso tomar conta do momento.



COMPENSAÇÃO: QUE BICHO É ESSE?

O comitê editorial do *Voz da Comunidade* solicitou à Fundação Renova que seus leitores fossem informados a respeito de um assunto que as famílias querem muito saber: as compensações do reassentamento.

O tema, que foi amplamente conversado com as comunidades em GTs, com a participação do Ministério Público, está sendo discutido por meio de audiência judicial.

Mas que bicho é esse?

Em linhas gerais, de acordo com as diretrizes que definem as regras dos reassentamentos coletivos, as famílias de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo devem receber imóveis com características iguais ou melhores às que tinham antes do rompimento da barragem. Mas se essas condições não não forem possíveis, as famílias têm direito a uma **compensação**.

A COMPENSAÇÃO É COMO UMA BALANÇA. BUSCA DIMINUIR E EQUILIBRAR A DIFERENÇA DAQUILO QUE A FAMÍLIA TINHA COM O QUE ELA VAI TER NA CONSTRUÇÃO DO NOVO IMÓVEL. É DIFERENTE DE INDENIZAÇÃO, QUE É O PAGAMENTO SOBRE AQUILO QUE ELA PERDEU.

Durante os GTs, a Fundação Renova, a Comissão de Atingidos e sua Assessoria Técnica não chegaram a uma conclusão sobre como esta compensação será feita. E agora, o tema está sendo tratado em audiência judicial.

Até o momento, as partes apresentaram propostas de cálculo sobre como as famílias devem ser compensadas, considerando os tamanhos, as testadas (largura do terreno que fica de frente para a rua) e a declividade (inclinação) dos lotes.

A compensação é prevista para os casos em que serão identificadas diferenças entre a situação de origem a de destino. As diferenças podem ocorrer, e serão identificadas caso a caso, pelo fato de o projeto urbanístico ter sido elaborado e aprovado com base na autodelimitação das famílias e porque o levantamento detalhado das informações sobre a situação de origem ocorreu em um momento posterior. Além disso, os terrenos adquiridos possuem características diferentes da área atingida e exigências técnicas e legais para a ocupação do local precisaram ser consideradas para a adequação dos projetos.

As diretrizes também tratam da possibilidade de compensação quando a família escolher um imóvel superior a situação de origem: nesse caso, haverá compensação negativa sobre a indenização definitiva. Porém, essa compensação não pode ser substancial sobre o valor da indenização a ser paga.

As discussões sobre esse assunto continuam na próxima audiência, em setembro, onde a Fundação Renova ficou responsável por apresentar novas propostas.



CONSULTORIA PARA ACERTAR NA RETOMADA

Morango, manga e até banana. As frutas plantadas no quintal do casal Romeu Geraldo de Oliveira e Iracema Oliveira eram a matéria-prima dos sorvetes artesanais que eles vendiam em Paracatu de Baixo. No verão, o negócio era o sucesso da região. Mas, no inverno, a situação mudava, deixando as finanças da sorveteria no vermelho e o casal apertado.

É para ajudar a melhorar situações como esta que o Sebrae-MG está fazendo, em parceria com a Fundação Renova, desde maio de 2018, consultorias com uma série de empreendedores que participa do Programa de Recuperação de Micro e Pequenos Negócios. Também são atendidas as comunidades de Barra Longa, Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce.

“Atendemos empreendedores que tinham um negócio antes do rompimento da barragem. A gente apoia o empresário a começar do jeito certo, a definir o preço de venda, a seguir as normas e exigências de órgãos como a Vigilância Sanitária, além de orientar no processo de formalização das micro e pequenas empresas. Tudo que a pessoa precisa para colocar o negócio em funcionamento”, explica Igor Silva, analista do Sebrae-MG.

Fechada desde 2015 pela passagem da lama, a sorveteria



Darlisa participa de consultoria com o Sebrae-MG para reabrir o bar na comunidade

será reaberta no novo local. Enquanto isso, Romeu desenvolve novas estratégias para que o retorno do negócio seja um sucesso. “Para mim, foi uma surpresa essa consultoria. Eu achava que estava fazendo certo, mas está sendo um aprendizado. Fazia tudo completamente diferente do que eu aprendi nesses encontros”, conta Romeu. “É o sonho nosso, de todo dia, reabrir nossa sorveteria. Agora a gente vai desenvolver um plano de negócios”, completa.

Darlisa das Graças Euzébio Azevedo também está participando da consultoria com o Sebrae-MG. Ela era dona do Bar da Una, em Bento Rodrigues, que também funcionava como lanchonete e tinha opções de refeições. Conhecida pelo cavalinho - peixe que era frito inteiro - e pelo caldo de feijão com pé de porco, ela está planejando

como será a nova versão do bar, que será reaberto após as obras de Bento Rodrigues. “Se depender de mim, eu não mudaria muita coisa. Mas hoje em dia não existe mais a cadeira de plástico, então vou mudar para a de madeira. Eu também não tinha balança, calculava a porção mais ou menos, não tinha o peso. Com o Sebrae, vai ter tudo isso”, diz Darlisa.

Em parceria com a Fundação Renova, o Instituto Criare Rio começou em setembro um projeto aberto a todos das comunidades de reassentamento. O objetivo é o desenvolvimento de características e posturas empreendedoras. Serão feitos planos de vida, que também englobam planos de negócios. Fique atento, pois você será convidado a participar das atividades.

PRATAS DA CASA



PÃES E SALGADOS POR ENCOMENDA

Desde 2004, Antônio Carlos Luiz trabalha com padaria. Apesar de sempre ter o serviço em Mariana, ele atendia à comunidade de Paracatu de Baixo com a ajuda da cunhada, Leonídia Gonçalves. Todo fim de semana, ele enviava, de ônibus, pães de sal, pães doce, rosquinhas e bolos, que eram entregues por ela de porta em porta. Ele e sua esposa, Maria José do Carmo, agora atendem à comunidade de Mariana. “Eu tenho a campanha para o pessoal vir aqui, mas fico de portão fechado. Agora estou montando um balcão, mas ainda não tenho data para começar”, explica. Além de pães e bolos, ele também aceita encomendas de mini-salgados para festas e reuniões.

ONDE: Rua Gameleira, 26 - Rosário / Mariana

CONTATO: (31) 3558-3762



COXINHA, PASTEL E KIBE PARA FESTAS

Maria Aparecida Luiz, a Dadá, começou a fazer salgados para o lanche dos filhos, em Paracatu de Baixo. Ela só começou a vender as coxinhas de frango quando se mudou para Mariana. “Todos que comem falam comigo que o recheio é a melhor parte. Não uso catupiry. Para ficar úmido, eu coloco creme de leite, por isso fica diferente das outras”, conta Dadá, que aprendeu a receita com uma amiga. Além da coxinha, ela vende kibe e pastel de frango (tipo risole). Os salgados podem ser pequenos (para festas) ou grandes (lanches). Eles devem ser encomendados com, no mínimo, um dia de antecedência, e podem ser entregues congelados ou fritos.

CONTATO: (31) 98469-3674



PICOLÉS CASEIROS DE TODOS OS SABORES

Maria Aparecida Sena e seu namorado, Arlindo Geraldo Crispim, produzem os picolés Mundial há seis anos. O produto é vendido nas ruas de Mariana. A receita foi ele que aprendeu em Belo Horizonte e a ensinou para Aparecida, que garante: eles produzem todos os sabores. Os mais vendidos são coco, leite condensado, amendoim, chocolate, limão, uva, milho verde, abacaxi e morango sensação. Agora, ela pretende aprender a fazer o picolé coberto de chocolate e o sorvetão, um picolé maior, de morango, chocolate e coco. Além das vendas na rua, eles aceitam encomendas com até dois dias de antecedência - e sonham em expandir o negócio.

CONTATO: (31) 99946-7178



MEL PRODUZIDO EM CAMARGOS

Os irmãos Afonso Augusto Alves e Eva Maria Aparecida vendem mel produzido em Camargos, no Apiário Nossa Senhora da Conceição. Eva conta que o irmão trabalha com mel há 24 anos, e tem mais de 200 caixas de abelha. Ela começou a trabalhar com ele em 2015, dividindo o tempo entre o atendimento a clientes, a entrega de produtos e o cuidado com a mãe, dona Lourdes. Os irmãos oferecem o mel em diversas embalagens, do litro ao melzinho, e vendem própolis puro ou em pomada. “A pomada funciona em assaduras, lábios queimados de frio, frieiras e queimaduras. São três dias para cicatrizar”, conta Eva.

ONDE: Rua Jorge Marques, 378 - Colina/ Mariana

CONTATOS: (31) 98977-5510 - Oi | (31) 98369-289 - Claro | (31) 99700-2314 - Vivo

FALE COM A GENTE



0800 031 2303



[fundacaorenova.org/
fale-conosco](http://fundacaorenova.org/fale-conosco)



[ouvidoria
fundacaorenova.org](mailto:ouvidoria@fundacaorenova.org)



Rua Dom Viçoso, 236/242
Centro | Mariana



[instagram.com/
fundacaorenova](https://www.instagram.com/fundacaorenova)



[facebook.com/
fundacaorenova](https://www.facebook.com/fundacaorenova)